

E, abrindo a porta de saída, que estremecera aos rebombos do trovão, exclamou com terrível acento:

— Lívia, esta noite infame assinala a perpétua separação dos nossos destinos. Não ouse transpôr a fronteira que nos isola um do outro, para sempre, no mesmo lar e dentro da mesma vida, porque um gesto dêsses pode significar a sua inapelável sentença de morte.

Atrás de si, fechara-se a porta com estrépito abafado pelos rumores da tempestade.

Jerusalém estava sob um verdadeiro ciclone de destruição, que ia deixar, após a sua passagem, um sinal de ruina, desolação e morte.

Ficando só, Lívia chorou amargamente.

Enquanto a atmosfera se lavava com a chuva torrencial que descia a cântaros no fragor das trovoadas, também a sua alma se despia das ilusões mais gratas e mais doces, no cadiño das lágrimas amargas e purificadoras.

Sim... estava só e profundamente desventurada.

Doravante, não poderia contar com o amparo do marido, nem com o aféto suave da filhinha, mas um anjo de serenidade velava á sua cabeceira, com a doçura das sentinelas que nunca se afastam do seu posto de amor, de redenção e de piedade. E foi êsse espirito luminoso que, fazendo gotejar o bálsamo da esperança no cálice do seu coração angustiado, deu-lhe a sentir que ainda possuía muito: — o tesouro da fé, que a unia a Jesus, ao Messias da renúncia e da salvação, a esperá-la nas claridades misericordiosas do seu reino.

X

O APÓSTOLO DA SAMÁRIA

No dia seguinte, Publio Lentulus incentivou as pesquisas do filhinho, entre quantos peregrinavam nas festas da Páscoa, em Jerusalém, instituindo o prémio

de um Grande Sertercio (1) ou sejam dois mil e quinhentos asse, para quem apresentasse aos seus servos a criança desaparecida.

Não devemos esquecer que a criada Semele, bem como suas companheiras de serviço foram submetidas ao mais rigoroso inquérito, por ocasião do castigo aos servos imprudentes, encarregados da noturna vigilância em casa do senador.

Publio não admitia castigos físicos ás mulheres, mas, no caso misterioso do desaparecimento do filhinho, submeteu as criadas a um interrogatório francamente impiedoso.

Inutil declarar que Semele protestara a mais absoluta inocencia, nada deixando transparecer que pudesse comprometer as suas atitudes.

Entretanto, as três servas que mais dirétamente cuidavam do pequeno, entre as quais estava ela incluida, foram obrigadas a colaborar com os escravos na procura de Marcus, pelas praças e ruas de Jerusalém, embora tivessem as suas horas diárias consagradas ao descanso. Essas horas aproveitava-as Semele para visitar ou rever relações amigas, passando a maior parte do tempo no sítio onde André cultivava as suas oliveiras e vinhedos frondosos, a pouca distância da entrada para os centros principais.

Nesse dia, vamos encontrá-la aí em animada palestra com o raptor e sua mulher, enquanto a criança dormitava ao canto de um compartimento.

— Com que, então, o senador instituiu o prémio de um Grande Sestercio a quem lhe devolva a criancinha? — perguntava André de Gioras admirado.

— E' verdade — exclamou Semele pensativa. E, na realidade, trata-se de uma grande soma em dinheiro romano, que ninguém ganhará neste mundo.

— Se não fôsse o meu justo e ardente desejo de vingança — replicou o raptor com o seu malicioso sor-

(1) Mil sestercios.

riso — era o caso de irmos abocanhar essa respeitável quantia.

Mas, deixa estar que não precisamos de semelhante dinheiro. Nada necessitamos dêsses malditos patrícios!

Semele escutava-o indiferente e quasi completamente alheia á conversa; entretanto, o seu interlocutor não perdia de vista as características fisionómicas, como se tentasse descobrir no seu modo simples e humilde algum pensamento reservado.

Foi assim que, no intuito de sondar a sua atitude psicológica, disse-lhe em tom aparentemente calmo e despreocupado, como a inquirir dos seus propósitos mais secretos:

— Semele, quais são as últimas notícias de Benjamin?

— Ora, Benjamin — respondeu ela, aludindo ao noivo — ainda não se resolveu a marcar o casamento, em definitivo, atento ás nossas inúmeras dificuldades.

Como não ignora, todo o meu desejo de trabalhar se resume na consecução do nosso ideal de adquirir aquela casinha de Betânia, já sua conhecida, e tão logo vinhemos a conseguir nosso intento estaremos unidos para sempre.

— Ainda bem — disse André com a atitude psicológica de quem encontrara a chave de um enigma — com tempo haverão de conseguir todo o necessário á ventura de ambos.

Da minha parte, pode ficar descansada, porque tudo farei por auxiliá-la paternalmente.

— Muito grata! — exclamou a moça, reconhecida. Agora ha de permitir que volte ao trabalho, porque as horas parecem adiantadas.

— Ainda não — falou André resolutamente — espera um momento. Quero dar-lhe a provar do nosso vinho velho, aberto hoje, somente para comemorar a circunstância feliz de nos acharmos com vida, depois do medonho temporal da noite passada!

E, correndo ao interior, penetrou na adega, onde tomou de uma bilha de vinho espumante e claro, deixando-o, com fartura, numa taça antiga. Em seguida, foi

a um quarto contíguo, de onde trouxe um tubo pequeno, deixando cair na taça algumas gotas do conteúdo, monologando baixinho:

— Ah! Semele, bem poderias viver, se não surgisse esse prémio maldito, que te condena á morte!... Benjamin... o casamento e uma situação de amargurada pobreza. — Uma soma de mil sestercios constitue tentação a que não poderia resistir o espírito mais bem intencionado e mais puro... Enquanto foram as aperturas e outros castigos, estava certo, mas agora é o dinheiro e o dinheiro costuma condenar as criaturas humanas á morte!...

E, misturando o tóxico violento no vinho que espunava, continuou resmungando:

— Daqui a seis horas minha pobre amiga estará penetrando o reino das sombras... Que fazer? Nada me resta senão desejar-lhe boa viagem! E nunca mais alguém saberá, neste mundo, que em minha casa existe um escravo com o sangue nobre dos aristocratas do Império Romano!...

Em dois minutos a desventurada serva do senador Ingeria satisfeita o conteúdo da taça, agradecendo a sinistra gentileza com palavras comovidas de afeto e reconhecimento.

Da porta de sua vivenda empedrada, observou André os passos derradeiros da sua cúmplice, nas derradeiras curvas do caminho.

Ninguem mais pleitearia o Grande Sestercio oferecido pela desesperação de Lentulus, porque, precisamente á noitinha, quasi ás dezenove horas, Semele experimentou uma sensação de súbito mal-estar, recolhendo-se ao leito imediatamente.

Suôres abundantes e frios lavavam-lhe as faces já descoradas, onde se notava o palor característico da morte.

Ana, que já havia regressado, compungida, aos afazeres domésticos, foi chamada ás pressas, afim de ministrar-lhe os socorros precisos, encontrando-a, porém, no auge da aflição que assináala os moribundos prestes a se desvencilharem do cárcere da matéria.

— Ana... — exclamou a agonisante com voz sumida — eu môrro... mas... tenho a... conciencia... pesada... intransquila...

— Semele, que é isso? — replicou a outra, fundamentalmente comovida. Confiemos em Deus, nosso Pai Celestial e confiemos em Jesus, que ainda ontem nos contemplava da cruz dos seus sofrimentos, com um olhar de compaixão e de infinita piedade!

— Sinto... que é... tarde... — murmurou a moribunda, nas ansias da morte — eu... apenas... queria... um perdão...

Todavia, a voz entrecortada e rouca não conseguiu continuar. Um singulto mais forte abafara as últimas palavras enquanto o rosto se cobria de tons violáceos, como se o coração, em plethora houvesse parado, instantaneamente, congestionado por uma força indefinível e poderosa.

Ana compreendeu que era o fim e suplicou a Jesus recebesse em seu reino misericordioso a alma da companheira, perdoando-lhe as faltas graves que, por certo, haviam dado motivo às palavras angustiosas dos últimos momentos.

Chamado um médico ao exame cadavérico, verificou no empirismo da sua ciência, que Semele expirara por deficiencia do sistema cardíaco e, longe de descobrir-se a verdadeira causa daquele fato inesperado, o segredo de André de Gioras se envolvia nas sombras espessas do túmulo.

Ana e Lívia tiveram ensejo de trocar impressões sobre o doloroso acontecimento, mas, ambas, embora a funda impressão que lhes causavam as derradeiras palavras da morta, encaravam a sua passagem para a outra vida, na conta dessas fatalidades irremediáveis.

Publio Lentulus, em seguida a êsse fato, apressou o regresso á vivenda de Cafarnaum, que adquirira ao antigo dono, em carácter definitivo, prevendo a possibilidade de longa permanencia em tais lugares. O regresso foi triste, jornada trabalhosa e sem esperança.

Os servos numerosos não chegaram a perceber a profunda divergência, agora existente entre êle e a es-

pôsa, e foi dêsse modo que, verdadeiramente separados pelo coração, continuaram no lar a mesma tradição de respeito perante os seus subordinados.

Depois de alguns dias de sua segunda instalação na cidade próspera e alegre onde Jesus, tantas vezes, fizera soar doces e divinas palavras, o senador preparou copioso expediente para o amigo Flaminio, bem como para outros elementos do Senado, enviando Coiménio á Roma, como portador de sua inteira confiança.

Odiando a Palestina, que tantas e tão amargas provações lhe reservara, mas prêso a ela pelo desaparecimento misterioso do pequenino Marcus, o senador solicitava a Flaminio a sua intervenção particular para que seu tio Salvio regressasse á séde dos seus serviços na capital do Império, tentando livrar-se da presença de Fulvia naqueles lugares, porquanto lhe dizia o coração, na intimidade de pensamento, que aquela mulher tinha uma influencia nefasta no seu destino e no de sua família. Ao mesmo tempo, saturado de terrível aversão pela personalidade de Poncio Pilatos, punha o amigo distante ao par de numerosos escândalos administrativos que êle, após o incidente da Páscoa, resolvera corrigir com o máximo de severidade. Prometia, então, a Flaminio Severus, conhecer mais de perto as necessidades da província, afim-de que as autoridades romanas ficassem cientes de graves ocorrências na administração, de modo que, em tempo oportuno, fôsse o governador removido para outro setor do Império e prometendo relacionar, sem demora, todas as injustiças de sua ação na vida pública, dado as reclamações reiteradas e consecutivas que lhe chegavam aos ouvidos, de todos os rerantos da província.

Nessas cartas particulares pedia, ainda, ao amigo, providências precisas, afim-de que lhe fôsse enviado um professor para a filhinha, abstendo-se, contudo, de referir-se aos dolorosos dramas da vida privada, com exceção do caso do filhinho, por êle citado nesses documentos como a causa única da sua demora indefinida, em tais lugares.

Coménio partiu de Joppé, com o maximo cuidado, obedecendo rigorosamente ás suas ordens e atingindo Roma daí a algum tempo, onde faria chegar aquelas notícias ás mãos dos seus legítimos destinatários.

Em Cafarnaum, a vida corria triste e silenciosa.

Publio apegára-se ao seu arquivo volumoso, aos seus processos, aos seus estudos e ás suas meditações, preparando os planos educativos da filha ou organizando projéctos concernentes ás suas atividades futuras, fazendo o possível para reerguer-se do abatimento moral em que mergulhara com os dolorosos sucessos de Jerusalém.

Quanto á Lívia, conhecendo a inflexibilidade do carácter orgulhoso do marido e sabendo que todas as provas aparentavam a sua culpa, encontrará na alma delicada da serva o coração generoso de uma confidente extremosa no aféto, vivendo quasi permanentemente mergulhada em orações sucessivas e fervorosas. Os sofrimentos experimentados patenteavam-se-lhe no rosto, revelando profundos vestígios nos sulcos da face descorada. Os olhos, todavia, demonstrando a témpera e o vigor da fé, clareavam-lhe as expressões fisionómicas de um brilho singular, apesar do seu visivel abatimento.

Em Cafarnaum, os seguidores do Mestre de Nazaré organizaram, imediatamente, uma grande comunidade de crentes do Messias, tornando-se muitos em apóstolos abnegados da sua doutrina de renúncia, de sacrifício e de redenção. Alguns pregavam, como Ele, na praça pública, enquanto outros curavam os enfermos em seu nome. Criaturas rústicas haviam sido tomadas, extranhamente, do mais alto sôpro de inteligencia e inspiração celeste, porque ensinavam com a maior clareza as tradições de Jesus, organizando-se com a palavra dêsses apóstolos os pródromos do Evangelho escrito, que ficaria mais tarde no mundo, com a mensagem do Salvador da Terra a todas as raças, povos e nações do planeta, qual luminoso roteiro das almas para o céu.

Todos os que se convertiam á idéia nova confessavam na praça pública os erros da sua vida, em sinal da humildade que lhes era exigida, portas-a-dentro da

comunidade cristã. E, para que o meigo profeta de Nazaré nunca fôsse esquecido em seus martírios redentores no Calvario, o povo simples e humilde de então organizou o culto da cruz, crendo fôsse essa a melhor homenagem á memoria de Jesus Nazareno.

Lívia e Ana, no seu profundo amor ao Messias, não escaparam á essa adesão natural ás tradições populares. A cruz era objéto de toda a sua veneração e absoluto respeito, não obstante representar, naquele tempo, o instrumento de punição para todos os criminosos e celerados.

Ana continuou a frequentar as margens do lago, onde alguns apóstolos do Senhor prosseguiam cultivando as suas lições divinas, junto dos sofredores desherdados da sorte. E era comum verem-se êsses antigos companheiros e ouvintes do Messias, como pegureiros humildes, atravessando estradas agrestes, no mais absoluto desconforto, afim-de levarem a todos os homens as palavras consoladoras da Bôa-Nova. Tipos impressionantes de homens grosseiros e abnegados percorriam os mais longos e escabrosos caminhos, de vestes rôtas e calçando alpercetas grosseiras, prêgando, porém, com perfeição e sentimento as verdades de Jesus, como se as suas frontes humildes estivessem tocadas de uma graça divina. Para muitos deles, o mundo não passava da Judéia ou da Síria; mas a realidade é que as suas palavras desassombradas e serenas iam permanecer no mundo para todos os séculos.

Mais de um mês decorrera sôbre a Páscoa de 33, quando o senador, por uma tarde formosa e quente da Galiléia, aproximou-se da espôsa para lhe dizer dos seus novos propósitos:

— Lívia — começou êle, respeitoso — tenho a comunicar-lhe que pretendo viajar algum tempo, afastando-me desta casa talvez por dois meses, em cumprimento dos meus deveres de emissario do Imperador, em condições especialíssimas nesta província.

Como esta viagem se verificará através de pontos numerosos, porquanto tenciono estacionar um pouco em todas as cidades do itinerario, até Jerusalém, não me é

possível levá-la em minha companhia, deixando-a, neste caso, como guardiã de minha filha.

Como sabe, nada mais existe entre nós que lhe outorgue o direito de conhecer minhas preocupações mais íntimas; todavia, renovo minhas palavras do dia fatal do nosso rompimento afetivo. Conservada nesta casa, apenas pela sua tarefa maternal, confio-lhe durante minha ausência a guarda da Flávia, até que chegue de Roma o velho professor que pedí a Flaminio.

Desejo firmemente acredite na confiança que deponho no seu propósito de regeneração, como mãe de família, procurando restabelecer a idoneidade que, outrora, não lhe negaria em tais circunstâncias e espero, assim, se abstinha de qualquer ato indigno, que venha a perder minha pobre filha para sempre.

— Publio!... — pôde ainda exclamar a esposa do senador, aflitamente, tentando aproveitar aquele rápido minuto de serenidade do marido, afim de se defender das calúnias injuriosas que lhe eram assacadas pelas mais complicadas circunstâncias — mas, afastando-se repentinamente, fechado na sua severidade orgulhosa, o senador não lhe deu tempo de continuar, integrando-a, cada vez mais, no conhecimento da sua amargurada situação dentro do lar.

Passada uma semana, partia ele para a sua viagem aventurosa.

Animavam-no, acima de tudo, o desejo de aliviar o coração de tantos pesares, a mesma tentativa na procura do filhinho desaparecido e o objetivo de catalogar os erros e injustiças da administração de Pilatos, de modo a alijá-lo dos poderes públicos da Palestina, em tempo oportuno.

Na sua resolução, todavia, pairava um êrro grave, cujas consequências dolorosas não conseguira ou não pudera prever no seu íntimo atribulado. A circunstância de deixar esposa e filha expostas aos perigos de uma região onde eram consideradas como intrusas devia ser examinada mais detidamente pela sua visão de homem prático. Além disso, ele não podia contar, nessa ausência, com a dedicação vigilante de Coménio, em viagem,

com destino á Roma, onde o conduziam as determinações do patrão e leal amigo.

Todas essas preocupações andavam no espírito de Lívia, dotada, como mulher, de um sentimento mais forte e mais justo, no plano das conjecturas e previsões.

Foi assim, de alma aflita, que viu partir o marido, embora houvesse ele recomendado a numerosos servos o máximo de vigilância nos trabalhos da casa, junto aos seus familiares.

Festividades solenes foram levadas a efeito por Herodes, em Tiberiade, previamente avisado pelo senador, com respeito á sua visita pessoal áquela cidade, que representava a primeira etapa da sua longa excursão. Todas as localidades de maior destaque constavam como pontos de parada da caravana, recebendo Publio, em todas elas, as mais expressivas homenagens das administrações e contingentes de escolta e servos inumeros, que lhe auxiliavam os serviços, naquela demorada excursão através das unidades políticas de menor importância, da Palestina.

Devemos consignar, porém, que Sulpicio Tarquinius encontrava-se justamente em missão junto de Antípata, quando da festiva chegada de Publio Lentulus á grande cidade da Galiléia. Procurou, todavia, não se fazer notado pelo senador, regressando no mesmo dia a Jerusalém, onde vamos encontrá-lo em conferência íntima com o governador, nestes termos:

— Sabeis que o senador Lentulus — dizia Sulpicio, com o prazer de quem dá uma notícia desejada e interessante — dispôs-se a efetuar longa viagem por toda a província?

— Que? — fez Pilatos grandemente surpreendido.

— Pois é verdade. Deixe-o em Tiberiade, de onde se dirigirá para Sebaste em breves dias, crendo mesmo, segundo o programa da viagem, que pude conhecer graças ao concurso de um amigo, que não voltará a Cafarnaum nestes quarenta dias.

— Que intuito terá o senador com viagem tão incomoda e sem atrativos? Alguma determinação secreta da séde do Império? perguntou Pilatos, receoso de al-

guma punição aos seus atos injustos na administração política da província.

Mas, após alguns segundos de meditação, como se o homem privado sobrepujasse as cogitações do homem público, inquiriu o lictor, com interesse:

— E a esposa? Não o acompanha? Teria o senador a coragem de deixá-la só, entregue ás surpresas d'este país, onde se aninham tantaos malfeiteiros?

— Reconhecendo que teríeis interesse em tais informes, — tornou Sulpicio com fingida dedicação e satisfeita malícia — busquei inteirar-me do assunto com um amigo que segue o viajante, como elemento de sua guarda pessoal, vindo a saber que a senhora Lívia ficou em Cafarnaum, na companhia da filha e alí aguardará o regresso do espôso.

— Sulpicio — exclamou Pilatos pensativo — suponho não ignoras minha simpatia pela adoravel criatura a que nos referimos...

— Isso não me é estranho, mesmo porque, fui eu proprio, como deveis estar lembrado, que a introduzi no vosso gabinete particular, não ha muito tempo.

— E, verdade!

— Por que não aproveitais este ensejo para uma visita pessoal a Cafarnaum? — perguntou o lictor, com segundas intenções, mas sem ferir diretamente o melindroso assunto.

— Por Júpiter! — redarguiu Pilatos satisfeito.

— Tenho um convite de Khouza e outros funcionários graduados de Antipas, naquela cidade, que me autoriza a pensar nisso.

Mas, a que vem a tua sugestão neste sentido?

— Senhor — exclamou Sulpicio Tarquinius, com hipócrita modestia — antes de tudo, trata-se da vossa alegria pessoal com a realização dêsse projéto e, depois, tenho igualmente grande simpatia por uma jóven serva da casa, de nome Ana, cuja beleza admiravel e simples é das mais sedutóras que hei visto nas mulheres nascidas na Samária.

— Que é isso? Nunca te observei apaixonado. Acho que já passaste a época dos arrebatamentos da mocidade.

dade. Em todo caso, isso quer dizer que não me encontro sozinho na satisfação que me trás a idéia dessa viagem imprevista — replicou Pilatos com visivel bom humor.

E, como se naquele mesmo instante houvesse elaborado todos os detalhes do seu plano, exclamou para o lictor que o ouvia entre satisfeito e envaidecido:

— Sulpicio, ficarás aqui em Jerusalém apenas o tempo preciso ao teu descanso ligeiro e imediato, regressando, depois de amanhã, para a Galiléia, onde irás diretamente a Cafarnaum avisar Khouza dos meus propósitos de visitar a cidade e, feito isso, irás até a residencia do senador Lentulus, onde avisarás sua esposa da minha decisão, em tom discreto, cientificando-a do dia previsto para a minha partida e chegada até lá. Espero que, com a atitude inconsiderada do marido, deixando-a tão só em tais regiões, venha ela pessoalmente a Cafarnaum encontrar-se comigo, de modo a distrir-se da companhia dos galileus grosseiros e ignorantes, e recordando por algumas horas os seus dias felizes da Corte, junto de minha conversação e de minha amizade.

— Muito bem — redarguiu o lictor, não cabendo em si de contente. Vossas ordens serão rigorosamente cumpridas.

Sulpicio Tarquinius saiu alegre e confortado nos seus sentimentos inferiores, antegozando o instante em que se aproximaria novamente da jóven samaritana, que despertara a cobiça dos seus sentidos materiais, cobiça que não tivera tempo de manifestar quando da sua permanencia no serviço pessoal de Publio Lentulus.

Cumprindo as determinações recebidas, vamos encontrá-lo daí a quatro dias em Cafarnaum, onde os avisos do governador foram recebidos com grande contentamento por parte das autoridades politicas.

O mesmo, porém, não aconteceu na residencia de Publio, onde sua presença foi recebida com reservas pelos empregados e escravos da casa. Ao seu chamado, apresentou-se-lhe Maximus, substituto de Coménio na chefia dos serviços usuais, mas que estava longe de possuir a sua energia e experiencia.

Atendido, solícitamente pelo antigo servo, que era seu conhecido pessoal, solicitou-lhe o lictor a presença de Ana, de quem dizia élé precisar de uma entrevista pessoal para a solução de determinado assunto.

O velho criado de Lentulus não hesitou em chamá-la á presença de Sulpicio, que a envolveu de olhares cúpidos e ardentes.

A criada perguntou-lhe, entre intrigada e respeitosa, a razão da visita inesperada, ao que Tarquinius esclareceu tratar-se da necessidade de se avistar, por um momento, com Lívia, em particular, tentando ao mesmo tempo colocar a pobre moça ao corrente de suas pretensões inconfessaveis, dirigindo-lhe as propostas mais indignas e insolentes.

Após alguns minutos, em que se fazia ouvir nas suas expressões insultuosas, em voz abafada, que Ana escutava extremamente pálida, com o maximo de cuidado e paciencia para evitar qualquer nota escandalosa, a seu respeito, respondeu a digna serva com voz austera e valorosa:

— Senhor lictor, chamarei minha senhora para atender-vos, dentro de poucos instantes. Quanto a mim, devo afirmar-vos que estais enganado, porquanto não sou a pessoa que supondes.

E, encaminhando-se resolutamente para o interior, cientificou a senhora do persistente propósito de Sulpicio em lhe falar pessoalmente, surpreendendo-se Lívia não só com o acontecimento inesperado, como tambem com a expressão fisionomica da serva, presa da mais extrema palidez, depois do choque sofrido. Ana tratou de não a interir de pronto, do sucedido, enquanto murmurava:

— Senhora, o lictor Sulpicio parece apressado. Presumo que não tendes tempo a perder.

Todavia, sem se deixar empolgar pelas circunstancias, Lívia buscou atender ao mensageiro com o maximo de sua habitual atenção.

Ante a sua presença, inclinou-se o lictor com profunda reverencia, dirigindo-se-lhe respeitoso, no cumprimento dos deveres que o traziam:

— Senhora, venho da parte do senhor Procurador da Judéia, que tem a honra de vos comunicar a sua vinda a Cafarnaum, nos primeiros dias da proxima semana...

Os olhos de Lívia brilharam de justificada indignação, enquanto inúmeras conjecturas lhe assaltavam o espirito, movimentando, porém, as suas energias, teve a precisa coragem para responder á altura das circunstancias:

— Senhor lictor, agradeço a gentileza de vossas palavras; todavia, cumpre-me esclarecer que meu marido se encontra em viagem, neste momento, e a nossa casa a ninguem recebe na sua ausencia.

E, com um leve sinal fez-lhe sentir que era tempo de se retirar, o que Sulpicio comprehendeu, intimamente encolerizado. Despediu-se com reverencias respeitosas.

Surpreendido com aquela atitude, porquanto ao espirito do lictor a prevaricação de Lívia representava um fato inconteste, retirou-se sumamente desapontado, mas não sem conjecturar os acontecimentos na sua depravada malicia.

Foi assim que, encontrando-se com um dos soldados de guarda á residencia, seu conhecido e amigo pessoal, observou-lhe com fingido interesse:

— Otávio, antes de uma semana talvez aqui esteja de volta e desejará encontrar de novo, nesta casa, a jóia rara de minha felicidade e de minhas esperanças...

— Que jóia é essa? — perguntou, curioso, o interpelado.

— Ana...

— Está bem. Fácil é o trabalho que me pedes.

— Mas, ouve-me bem — exclamou o lictor, pressentindo, já, que a prêsa tudo faria por fugir-lhe das mãos.

Ana costuma ausentar-se frequentemente e caso isso se verifique, espero que a tua amizade não me falte com os informes necessarios, no instante oportuno...

— Pode contar com a minha dedicação.

Enquanto acabamos de ouvir o pormenor mais importante dêsse diálogo, voltemos ao interior onde Lívia,

de alma opressa confia á serva amiga e devotada as conjecturas dolorosas que lhe pesavam no coração. Depois de externar-lhe os seus receios e justificados temores, plenamente admitidos por Ana que, a sua vez, colocou-a ao par das insolencias de Sulpicio, a pobre senhora desfiou para a sua confidente, simples e generosa, o rosario infindo de suas amarguras, relatando-lhe todos os sofrimentos que lhe dilaceravam a alma carinhosa e sensibilissima, desde o primeiro dia em que a calúnia encontrara guarida no espirito orgulhoso do companheiro. As lagrimas da serva ante a singular narrativa, eram bem um sinónimo da sua alta compreensão, das angústias da senhora, perdida naqueles rincões quasi selvagens, considerando-se a sua educação e a nobreza de sua origem.

Ao finalizar o penoso relato de suas desditas, a nobre Lívia acentou com insdisfarçavel amargura:

— Na verdade, tudo tenho feito por evitar os escandalos injustificaveis e incompreensiveis. Agora, porém, sinto que a situação se agrava cada vez mais, á vista da insistencia dos meus algozes e da displicencia de meu marido em face dos acontecimentos, perdendo-se o meu espirito em conjecturas amargas e dolorosas.

Se mando chamá-lo por um mensageiro, pondo-o ao corrente do que se passa, afim-de que nos proteja com as suas providencias imediatas, talvez não compreenda a marcha dos fatos na sua intimidade, encarando os meus receios como sintoma de culpas anteriores, ou tomando os meus escrúpulos como um desejo de regeneração por faltas que não cometí, em virtude de suas enérgicas reprimendas e penosas ameaças; se não o aviso dessas ocorrências graves, do mesmo modo se produziria o escandalo, com a vinda do governador a Cafarnaum, aproveitando o ensejo da sua ausencia.

Tomo, unicamente a Jesus por meu juiz nesta causa dolorosa, em que as unicas testemunhas devem ser o meu coração e a minha consciencia!...

O que mais me preocupa, agora, minha bôa Ana, não é tão somente a obrigaçao de velar por mim, que já experimentei o fél amarissimo da desilusão e da calúnia

impiedosa. E', justamente, por minha pobre filha, por que tenho a impressão de que aqui na Palestina os malfeiteiros estão nos lugares onde deveriam permanecer os homens de sentimentos puros e incorruptiveis...

Como não ignoras, meu desventurado filhinho já se foi, arrebatado nesse turbilhão de perigos, talvez assassinado por mãos indiferentes e criminosas... Fala-me o coração maternal que o meu desgraçado Marcus ainda vive, mas onde e como? Debalde temos procurado sabê-lo, em todos os recantos, sem o mais leve sinal da sua presença ou passagem... Agora, manda a consciencia que resguarde a filhinha contra as ciladas tenebrosas!...

— Senhora — exclamou a serva com um fulgor estranho no olhar, como se houvera encontrado uma solução repentina e apreciavel para o assunto — o que dissesse revela o maximo bom senso e prudencia... Também eu participo dos vossos temores e suponho que devemos fazer tudo por salvar a menina e a vós mesma das garras desses lobos assassinos... Por que não nos refugiarmos nalgum local de nossa inteira confiança, até que os malditos abandonem estas paragens?!

— Mas considero que seria inutil procurarmos abrigo em Cafarnaum, em tais circunstancias.

— Iriamo a outra parte.

— Onde? — indagou Lívia, com ansiedade.

— Tenho um projéto — disse Ana esperançosa. Caso assentisseis na sua plena realização, saíriamos ambas daqui, com a pequenina, refugiando-nos na propria Samária da Judéia, em casa de Simeão, cuja idade respeitável nos resguardaria de qualquer perigo.

— Mas, a Samária — replicou Lívia, algo desalentada — fica muito distante...

— A realidade, contudo, minha senhora, é que necessitamos de um sitio dessa natureza. Concordo em que a viagem não será tão curta, mas partiríamos com urgencia, alugando animais descançados, tão logo repousassemos um pouco, na passagem por Naim. Com um dia ou dois de marcha, atingiríamos o vale de Sichem, onde se ergue a velha propriedade de meu tio. Maximus seria cientificado da vossa deliberação, sem outro pretexto que

não seja o da necessidade de vossas decisões no momento e, na hipótese do regresso imediato do senador, estaria o vosso espôso integrado no conhecimento direto da situação, procurando inteirar-se, por si mesmo, quanto à vossa honestidade.

— De fato, essa idéia é o recurso mais viável que nos resta, exclamou Lívia mais ou menos confortada. Além do mais, confio no Mestre, que não nos abandonará em provas tão rudes.

Hoje mesmo, faremos nossos aprestos de viagem e irás á cidade providenciar, não só quanto aos animais que nos devam conduzir até Naim, como também na partida de um dos teus familiares conosco, de modo a seguirmos com a maior simplicidade, sem provocar a atenção dos curiosos, mas igualmente bem acompanhadas contra os dissabôres de qualquer eventualidade.

Não te preocipes com despesas, porque estou provida dos necessários recursos financeiros.

Assim foi feito.

Na véspera da partida, Lívia chamou o servo que então desempenhava as funções de mordomo da casa, esclarecendo-o nestes termos:

— Maximus, motivos imperiosos me levam amanhã á Samária da Judéia, onde me demorarei alguns dias, junto de minha filha. Levarei Ana em minha companhia e espero do teu esforço a mesma dedicação de sempre aos teus senhores.

O interpelado fez uma reverencia, como quem se surpreendesse com semelhante atitude da patrôa, pouco afeita aos ambientes exteriores do lar, mas entendendo que não lhe assistia o direito de analisar as suas decisões, aventou, respeitoso:

— Senhora, espero designeis os servos que deverão acompanhar-vos.

— Não, Maximus. Não quero as solenidades do costume nas excursões dessa natureza. Irei com pessoas amigas, de Cafarnaum, e pretendo viajar com muita simplicidade. Interessa-me avisar-te dos meus propósitos, tão somente pela necessidade de redobrar os serviços de vigilância na minha ausência, e considerando a possi-

bilidade do regresso inopinado do teu amo, a quem identificarás da minha resolução, nos termos em que me estou exprimindo.

E, enquanto o criado se inclinava respeitoso, Lívia regressava aos aposentos, solucionando todos os problemas necessários á sua tranquilidade.

No dia imediato, antes da aurora, saía de Cafarnaum uma caravana humilde. Compunham-na Lívia, a filhinha, Ana e um dos seus velhos e respeitáveis familiares, que se dirigiram pela estrada que contornava o grande lago, quasi em caprichoso semi-círculo, acompanhando o curso das águas do Jordão a descerem sussurrantes e tranquilas para o Mar Morto.

Numa breve parada em Naim, trocaram-se os animais, segundo os viajantes o mesmo roteiro em direção do vale de Sichem, onde, á tardinha, apareceram á frente da casa empedrada de Simeão, que recebeu os seus hóspedes, chorando de alegria.

O ancião de Samária parecia tocado de uma graça divina, tal o movimento notável que desenvolvera em toda a região, não obstante a sua idade avançada, espalhando os consoladores ensinamentos do profeta de Nazaré.

Entre oliveiras umbrosas e frondejantes, erguera uma grande cruz, pesada e tosca, colocando nas suas proximidades uma larga mesa rústica, em torno da qual se assentavam os crentes, em pobres bancos improvisados para lhe ouvirem a palavra amiga e confortadora.

Cinco dias venturosos decorreram ali para as duas mulheres, que se encontravam á vontade naquele ambiente despretensioso e simples.

De tarde, sob as carícias da natureza livre e sadia, no seio verde da paisagem harmoniosa, reunia-se a assembleia humilde dos samaritanos, inclinados a aceitar os pensamentos de amor e de misericordia sublime do Messias Nazareno.

Simeão, que ali vivia sem a companheira que Deus já havia levado e sem os filhos que, por sua vez, já haviam constituído família, em aldeias distantes, assumia a direção de todos, como um patriarca venerável na sua

calma senetude, relatando os fatos da vida de Jesus como se a inspiração divina o bafejasse em tais instantes, tal a profunda beleza filosófica dos comentários e das preces improvisadas com a amorosa sinceridade do seu coração. Quasi todos os presentes, naquela mesma poesia simples da natureza, como se estivessem ainda bebendo as palavras do Mestre junto do Garizim, choravam de comoção e deslumbramento espiritual, tocados pela sua palavra profunda e carinhosa, magnetizados pela formosura das suas evocações saturadas de ensinamentos raros, de caridade e meiguidade.

Nessa época, os cristãos não possuiam os evangelhos escritos, que somente um pouco depois apareceriam no mundo grafados pelos apóstolos, razão pela qual, todos os pregadores da Bôa-Nova colecionavam as maximas e as lições do Mestre, de próprio punho ou com a cooperação dos escribas do tempo, catalogando-se, desse modo, os ensinamentos de Jesus para o estudo necessário nas assembléias públicas das sinagogas.

Simeão, que não possuia uma sinagoga, seguia, porém, o mesmo método.

Com a paciencia que o caracterizava, escreveu tudo o que sabia do Mestre de Nazaré para recordá-lo nas suas reuniões humildes e desprestensiosas, prontificando-se do melhor grado a registrar todas as lições novas do acervo de lembranças dos seus companheiros, ou daqueles apóstolos anónimos do cristianismo nascente, que cruzavam a Ásia Menor em todas as direções, de passagem pela sua velha aldeia.

Fazia seis dias que as suas hóspedes se retemperavam naquele ambiente caricioso, quando o respeitável ancião, naquela tarde, em suas costumeiras evocações do Messias, figurava-se tocado de influencias espirituais da mais elevada excelsitude.

As derradeiras meias-tintas do crepúsculo entornavam na paisagem um tom de esmeraldas e topázios eternizados sob um céu azul indefinível.

No seio da assembléia heterogênea, notava-se a presença de criaturas sofredoras, de todos os matizes, que no

espírito de Lívia lembavam a tarde memorável de Cafarnaum, quando ouvira o Senhor pela primeira vez. Homens esfarrapados e mulheres maltrapilhas acotovelavam-se com crianças esquálidas, fitando, ansiosamente, o ancião que explicava, comovido, com a sua palavra simples e sincera:

— Irmãos, era de ver-se a suave resignação do Senhor no derradeiro instante!

“Olhar fixo no céu, como se já estivesse gozando a contemplação das beatitudes celestes, no reino de nosso Pai, ví que o Mestre perdoava caridosamente todas as injúrias! Apenas um dos seus discípulos mais queridos conservava ao pé da cruz, amparando a sua mão no angustioso transe!... Dos seus habituais seguidores, muitos poucos estavam presentes na hora dolorosa, certamente porque nós, os que tanto o amavamos, não podíamos externar nossos sentimentos diante da turba enfurecida, sem graves perigos para a nossa segurança pessoal. Não obstante, desejariamos, todos, experimentar os mesmos padecimentos!...”

“De vez em quando, um que outro mais atrevido de seus verdugos se aproximava do corpo chagado no martírio, dilacerando-lhe o peito com a ponta das espadas impiedosas!...”

Uma vez por outra, o generoso ancião limpava o suor da fronte, para continuar com os olhos húmidos:

— Antes da hora sexta, notei que Jesus desviara os olhos calmos e lúcidos do firmamento, contemplando a multidão amotinada em criminosa fúria!... Alguns soldados ebrios açoitaram-no, mais uma vez, sem que do seu peito oppresso, na angústia da agonia, escapasse um único gemido!... Seus olhos suaves e misericordiosos se espraiaram, então, do monte do sacrifício para o casario da cidade maldita! Quando o vi olhando ansiosamente, com a ternura carinhosa de um pai para quantos o insultavam nos suplicios extremos da morte, chorei de vergonha pelas nossas impiedades e fraquezas...”

A massa movimentava-se, então, em altercações numerosas... Gritos ensurdecedores e impropérios revoltantes o cercavam na cruz, onde se lhe notava o copioso

suôr do instante supremo!... Mas, o Messias, como se visualizasse profundamente os segredos dos humanos destinos, lendo no livro do futuro, fitou de novo as Alturas, exclamando com infinita bondade: — “Perdoai-lhes, meu Pai, porque não sabem o que fazem!”...

O velho Simeão tinha a voz embargada de lágrimas ao evocar aquelas lembranças, enquanto a assembléia se comovia profundamente com a sua narrativa.

Outros irmãos da comunidade tomaram a palavra, descansando o ancião dos seus esforços.

Um deles, porém, contrariamente aos temas versados naquele dia, exclamou, com surpresa para todos os circunstantes:

— Meus irmãos, antes de nos retirarmos, lembremos que o Messias repetia sempre aos seus discípulos a necessidade da vigilância e da oração, porque os lobos rondam, neste mundo, o rebanho das ovelhas!...

Simeão ouviu a advertência e pôs-se em atitude de profunda meditação, de olhos fitos na grande cruz que se elevava a poucos metros do seu banco humilde.

Ao cabo de alguns minutos de espontânea concentração, tinha os olhos transbordando de lágrimas, fixos no madeiro tosco, como se no seu topo vagasse alguma visão desconhecida de quantos o observavam...

Depois, encerrando as preleções da tarde, falou comovido:

— Filhos, não é sem justo motivo que o nosso irmão se refere hoje ao ensino da vigilância e da prece! Alguma cousa, que não sei definir, fala-me ao coração que o instante do nosso testemunho está muito próximo... Vejo com a minha vista espiritual que a nossa cruz está hoje iluminada, anunciando, talvez, o glorioso minuto dos nossos sacrifícios... Meus pobres olhos se enchem de pranto, porque, entre as claridades do madeiro, ouço uma voz suave que me penetra os ouvidos numa entonação branda e amiga, exclamando: “Simeão, ensina ao teu rebanho a lição da renúncia e da humildade, com o exemplo da tua dedicação e do teu próprio sacrifício! Ora e vigia, porque não está longe o instante ditoso de tua entrada no Reino, mas preserva as ovelhas

do teu aprisco das arremetidas tenebrosas dos lobos fáculentos da impiedade, soltos na Terra, ao longo de todos os caminhos, consciente, porém, de que, se a cada um se dará segundo as próprias obras, os maus terão, igualmente, seu dia de lição e castigo, de conformidade com os próprios erros!...

O velho samaritano tinha o rosto lavado em lágrimas, mas uma doce serenidade irradiava do seu olhar carinhoso e compassivo, demonstrando as suas energias inquebrantaveis e valorosas.

Foi então que, alçando as mãos emagrecidas e longas ao firmamento, onde brilhavam já as primeiras estrelas, dirigiu-se a Jesus, em prece ardente:

— Senhor, perdoai nossas fraquezas e vacilações nas lutas da vida humana, onde os nossos sentimentos são bem precários e miseráveis!... Abençoaí nosso esforço de cada dia e relevai as nossas faltas, se algum de nós que aqui se reúne, vem á vossa presença com o coração saturado de pensamentos que não sejam os do bem e do amor que nos ensinastes!... E, se, chegada é a hora dos nossos sacrifícios, auxiliai-nos com a vossa misericordia infinita, afim-de que não vacilemos em nossa fé, nos dolorosos momentos do testemunho!...

A oração comovedora assinalou o fim da reunião, dispersando-se os assistentes, que regressavam impressionados, ás suas choupanas humildes e pobres.

O ancião, todavia, conseguiu repousar muito pouco naquela noite, tomado de preocupação por Lívia e pela sobrinha, que o haviam cientificado das graves ocorrências que as levava a solicitar a sua proteção. Figurava-se-lhe que apêlos carinhosos do mundo invisível lhe enchião o espírito de ansiedade indefinível e de singulares impressões, que lhe não era possível alijar do raciocínio para os necessários minutos de repouso.

Contudo, enquanto ocorriam esses fatos no vale de Bilem, voltemos a Cafarnaum, onde, na mesma tarde, chegara o governador com grande aparato.

A par das festanças numerosas, organizadas pelos prepostos de Herodes Antípaso, o primeiro pensamento do viajante ilustre não nos pode ser desconhecido.

Sulpicio, porém, apôs palestrar longamente com o seu amigo Otávio, nas proximidades da residencia do senador, onde foi posto ao corrente de todos os fatos, voltou a informá-lo de que ambas as presas cobiçadas haviam fugido como aves viajoras, para os bosques da Samária.

O governador surpreendeu-se com a resistencia daquela mulher, tão acostumado estava êle ás conquistas fáceis, admirando-lhe, intimamente, o nobre heroismo e pensando que, afinal, constituia uma atitude injustificável da sua parte, tal rebeldia no assédio, mesmo porque não lhe faltariam mulheres tentadoras e formosas, desejosas de captarem a sua estima, no caminho da sua alta posição social na Palestina.

Ao mesmo tempo que dava curso a êsses pensamentos, o espirito perverso do lictor, antegozando a trabalhosa conquista da sua vítima, murmurava-lhe ao ouvido:

— Senhor governador, se consentirdes, irei á Samária da Judéia informar-me do assunto. Daqui ao vale de Sichem deve mediar pouco mais de trinta milhas, o que vem a ser um salto para os nossos cavalos. Levaria comigo seis soldados, bastando êsses homens para manter a ordem em qualquer lugar destas paragens.

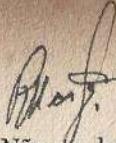
— Sulpicio, por mim, não vejo mais necessidade de semelhantes providencias — exclamou Pilatos, resignado.

— Mas, agora — explicou o lictor com interesse — se não é por vós, deve ser por mim, porque eu me sinto escravizado a uma mulher que devo possuir de qualquer maneira.

“Sou eu agora quem vos pede, humildemente, a concessão dessas providencias” — acentuou êle desesperado, no auge dos seus pensamentos impuros.

— Está bem — murmurou Pilatos, com displicencia, como quem faz um favor a um servo de confiança — concedo-te o que me pedes. Acho que o amor de um romano deve superar qualquer afeição dos escravos dêste país.

“Podes partir, levando contigo os elementos de tua amizade, sem te esqueceres, porém, de que devemos


regressar a Nazaré, de hoje a três dias. Não te basta-
rão dois dias para êsse cometimento?”

Mas — continuou o lictor, maliciosamente — e se houver alguma resistencia?

— Para isso levas os teus homens, autorizando-te eu a efetuar as iniciativas necessarias aos teus propósitos. Em qualquer missão, jamais te esqueças de prestar aos patrícios os favores da nossa consideração, mas aos que o não sejam, faze a justiça do nosso domínio e da nossa força implacaveis.

Na mesma noite, Sulpicio Tarquinius escolheu os homens de mais confiança e, pela madrugada, sete cavaleiros audaciosos puseram-se a caminho, trocando os ginetes fogosos, nas paradas mais importantes, em demanda da Samária.

O lictor encaminhava-se para a sua aventura, como quem segue para o desconhecido, com o propósito firme de atingir os fins sem cogitar dos meios. Turbilhonava-lhe o cérebro em pensamentos condenaveis, afogando o coração inquieto e louco, numa onda de anseios criminosos e indefiniveis.

Voltando, todavia, nossa atenção para a casa humilde do vale, vamos encontrar Simeão em grandes atividades, naquela manhã inolvidável da sua vida.

Após o almoço frugal, organizadas todas as suas anotações e pergaminhos, depois de mais de uma hora de meditação e preces fervorosas e, quando o sol anunciaava a claridade do meio dia, reuniu as suas hóspedes, falando-lhes gravemente:

— Minhas filhas, a visão de meus pobres olhos, em nossas preces de ontem, representa uma séria advertência para o meu coração. Ainda esta noite e hoje, durante o dia, tenho ouvido apelos suaves que me chamam e, sem explicar a justa razão, tenho o íntimo saturado de uma branda serenidade, na suposição de que não deve tardar muito a minha ida para o reino... Algo, porém, me fala ao espirito que ainda não soôu a hora da vossa partida e, considerando o ensinamento do nosso Mestre de bondade e misericordia, sobre os lobos e as ovelhas,

devo resguardar-vos de qualquer perigo. E' por isso que vos peço acompanhar-me.

Assim dizendo, o respeitável ancião pôs-se de pé e, caminhando para o seu velho apartamento, abriu um grande orifício em plena parede empedrada, exclamando imperativamente, na sua serena simplicidade:

— Entremos.

— Mas, meu tio — obtemperou Ana, com certa estranheza — serão necessárias tais providências?

— Filha, nunca discutas o conselho daqueles que envelheceram no trabalho e no sofrimento. O dia de hoje é decisivo e Jesus não me poderia enganar o coração.

— Oh! mas será possível, então, que o Mestre nos vá privar de vossa presença carinhosa e consoladora? — exclamou a pobre rapariga banhada em pranto, enquanto Lívia os acompanhava sensibilizada, trazendo pela mão a filha estremecida.

— Sim, para nós — revidou Simeão com serena coragem, mirando o azul do céu — deve existir uma só vontade, que é a de Deus. Cumpram-se, pois, nos escravos os designios do Senhor!...

Neste comenos, penetraram os quatro numa galeria que, à distância de poucos metros, ia dar num modesto refúgio talhado em pedras rústicas, afirmando o ancião em tom solene:

— Ha mais de vinte anos não abro este subterrâneo à pessoa alguma... Recordações sagradas de minha esposa fizeram-me encerrá-lo para sempre, como túmulo de minhas ilusões mais queridas; mas, hoje de manhã o reabri resolutamente, retirei os tropécos do caminho, coloquei aqui os apetrechos necessários ao descanso de um dia, pensando na vossa segurança até à noite. Este abrigo está oculto nas rochas que, junto das oliveiras, fazem o ornamento do nosso recanto de orações e, não obstante parecer abafado, o ambiente recebe o ar puro e fresco do vale, como a nossa propria casa.

Ficai aqui tranquilas. Alguma cousa me diz ao coração que estamos atravessando horas supremas. Trouxe o alimento preciso para as três, durante as horas da tarde

e caso eu não volte até á noitinha, já sabem como devem mover a porta empedrada que dá para o meu quarto. Daqui, ouvem-se os rumores das cercanias, o que vos possibilitará a compreensão de qualquer perigo.

— E ninguem conhece este refúgio? — perguntou Ana ansiosa.

— Ninguem, a não ser Deus e os meus filhos ausentes.

Lívia, profundamente comovida, ergueu então a voz do seu sincero agradecimento:

— Simeão — disse ela — eu que conheço a témpera do inimigo, justifico os vossos temores. Jámai esquecerei vosso gesto paternal, salvando-nos do verdugo impiedoso e implacável.

— Senhora, não agradeçais a mim, que nada valho. Agradecemos a Jesus os seus alvitres preciosos, no momento amargo das nossas provas...

Arrancando uma pequena cruz de madeira tosca, das dobras da túnica humilde, entregou-a á espôsa do senador, exclamando com voz serena:

— Só Deus conhece o minuto que se aproxima e esta hora pode assinalar os derradeiros momentos do nosso convívio na Terra. Se assim fôr, guardai esta cruz como recordação de um servo humilde... Ela traduz a gratidão do meu espírito sincero...

Como Lívia e Ana começassem a chorar com as suas palavras comovedoras, continuou o ancião com voz pausada:

— Não choreis, se este minuto constituir o instante supremo! Se Jesus nos chama ao seu trabalho, uns antes dos outros, lembremo-nos de que, um dia, nos reuniremos todos nas luzes cariciosas do seu reino de amor e misericordia, onde todos os aflitos hão de ser consolados...

E, como se o seu espírito estivesse na plena contemplação de outras esferas, cujas claridades o enchessem de intuições divinatórias, prosseguiu, dirigindo-se á Lívia, comovidamente:

— Estejamos confiantes na Providência Divina! Caso o meu testemunho esteja previsto para breves ho-

ras, confio-vos a minha pobre Ana, como vos entregaria a minha recordação mais querida!... Depois que abracei as lições do Messias, todos os filhos do meu sangue me desampararam, sem me compreender os propósitos mais santos do coração... Ana, porém, apesar da sua juventude, entendeu, comigo, o doce Crucificado de Jerusalém!...

Quanto a ti, Ana — disse pousando a dextra na fronte da sobrinha — ama á tua senhora como se fôsses a mais humilde das suas escravas!

Nesse instante, porém, um ruido mais forte penetrou no recinto, como se um barulho incompreensível proviesse das rochas, parecendo mais um tropel de numerosos cavalos que se iam aproximando.

O ancião fez um gesto de despedida, enquanto Lívia e Ana se ajoelharam diante da sua figura austera e carinhosa; ambas, entre lágrimas, tomaram-lhe as mãos encarquilhadas, que cobriram de beijos afetuosos.

Num relance, Simeão transpôs a pequena galeria, reajustando as pedras na parede com o maximo cuidado.

Em poucos minutos, abria as portas da casa humilde e generosa a Sulpicio Tarquinius e seus companheiros, compreendendo, afinal, que as advertencias de Jesus, no silêncio de suas orações fervorosas, não haviam falhado.

O litor dirigiu-lhe a palavra sem qualquer cerimonia, fazendo o possível por eliminar a impressão que lhe causava a majestosa apariencia do ancião, com os seus olhos altivos e serenos e as suas longas barbas encanecidas.

— Meu velho — exclamou desabridamente — por intermedio de teus conhecidos já sei que te chamas Simeão, e igualmente que hospedas na tua casa uma nobre senhora de Cafarnaum, com a sua serva de confiança. Venho da parte das mais altas autoridades para falar particularmente com essas senhoras, na maior intimidade possível...

— Enganais-vos, litor — murmurou Simeão com humildade —. De fato, a espôsa do senador Lentulus passou por estas paragens; todavia, apenas pela circuns-

tância de se fazer acompanhar por uma de minhas sobrinhos — netas, deu-me a honra de repousar nesta casa por algumas horas.

— Mas deves saber onde se encontram neste momento.

— Não posso dizê-lo.

— Ignorais, porventura?

— Sempre entendí — replicou o ancião corajosamente — que devo ignorar todas as cousas que venham a ser conhecidas para o mal de meus semelhantes.

— Agora é outra cousa — redarguiu Sulpicio encolerizado, como um mentiroso de quem se descobrissem os pensamentos mais secretos. Quer dizer, então, que me ocultas o paradeiro dessas mulheres, por um simples capricho da tua velhice caduca?

— Não é isso. Conhecendo que no mundo somos todos irmãos, sinto-me no dever de amparar os mais fracos contra a perversidade dos mais fortes.

— Mas, eu não as procuro para fazer mal algum e chamo a atenção para estas insinuações insultuosas, que merecem a punição da justiça.

— Litor — revidou Simeão com grande serenidade — se podeis enganar aos homens, não enganais a Deus com os vossos sentimentos inconfessaveis e impuros. Sei dos propósitos que vos trazem a estes sítios e lamento a vossa impulsividade criminosa... Vossa conciencia está obscurecida por pensamentos delituosos e impuros, mas todo o momento é um ensejo de redenção, que Deus nos concede na sua infinita bondade... Voltai atrás da insídia que vos trouxe e ide noutros caminhos, porque assim como o homem deve salvar-se pelo bem que pratica, pode tambem morrer pelo fogo devastador das paixões que o arrastam aos crimes mais hediondos...

— Velho infame!... — exclamou Sulpicio Tarquinius rubro de cólera, enquanto os soldados observavam, admirados, a serena coragem do valoroso ancião da Samária — bem me disseram teus vizinhos, em me informando a teu respeito, que és o maior feiticeiro destas paragens!...

“Adivinho maldito, como ousas afrontar dêste modo os mandatários do Império, quando te posso pulverizar com uma simples palavra? Com que direito escarneces do poder?”

— Com o direito das verdades de Deus, que nos mandam amar ao próximo como a nós mesmos.... Se sois prepostos de um Império que outra lei não possue além da violencia impiedosa na execução de todos os crimes, sinto que estou subordinado a um poder mais soberano do que o vosso, cheio de misericordia e bondade! Esse poder e êsse Império são de Deus, cuja justiça misericordiosa está acima dos homens e das nações!....

Compreendendo-lhe a coragem e a energia moral inquebrantaveis, o litor, embora tremendo de ódio, revidou em tom fingido:

— Está bem, mas eu não vim aqui para conhecer as tuas bruxarias e o teu fanatismo religioso.

De uma vez por todas: queres ou não prestar-me as informações precisas, acerca-das tuas hóspedes?

— Não posso — replicou Simeão corajosamente — e minha palavra é uma só.

— Então, prendei-o! — disse, dirigindo-se aos seus auxiliares, pálido de cólera em se vendo derrotado naquele duelo de palavras.

O velho cristão da Samária foi submetido aos primeiros vexames, por parte dos soldados, entregando-se, porém, sem a mínima resistencia.

Aos primeiros golpes de espada, exclamou Sulpicio sarcasticamente:

— Então, onde se encontram as fôrças do teu Deus que te não defende? Teu Império é assim tão precario? Por que não te socorrem os poderes celestiais, eliminando-nos com a morte em teu beneficio?

Uma gargalhada geral seguiu-se a essas palavras, partida dos soldados que acompanhavam, gostosamente, os ímpetos criminosos do seu chefe.

Simeão, todavia, tinha as energias preparadas para o testemunho da sua fé ardente e sincera. De mãos amarradas, pôde ainda revidar, com a serenidade habitual:

— Litor — ainda que eu fôsse um homem poderoso

como o teu César, nunca ergueria a voz para ordenar a morte de quem quer que fôsse, á face da Terra. Sou dos que negam o proprio direito da chamada legítima defesa, porque está escrito na Lei que “Não Matarás”, sem nenhuma clausula que autorize o homem a eliminar o seu irmão, nessa ou naquela circunstância.... Toda a nossa defesa, neste mundo, está em Deus, porque só êle é o Criador de toda a vida e somente êle pôde pôr e dispôr em nossos destinos!....

Sulpicio experimentou o apogeu do seu ódio em face daquela coragem indomável e esclarecida e, avançando para um dos prepostos, exclamou enraivecido:

— Mércio, toma á tua conta este velho imbecil e feiticeiro. Guarda-o com atençao e não te descuides. Caso tente fugir, mete-lhe o chanfalo!

O veneravel ancião, conciente de que atravessava as suas horas supremas, encarou o agressor com heroica humildade.

Sulpicio e os companheiros invadiram-lhe a casa e o quintal, expulsando-lhe uma velha serva, a palavrões e pedradas. No seu quarto encontraram as anotações evangélicas e os pergaminhos amarelecidos, além de pequenas lembranças que guardava em memória dos seus afetos mais queridos.

Todos os objétos de suas recordações mais sagradas foram trazidos á sua presença, onde foram quebrados se mpiedade. Perante seus olhos, serenos e bons, dilaceraram-se túnicas e papiros antigos, entre sarcasmos e ironias revoltantes.

Terminada a devassa, o litor de mãos nas costas, examinando, intimamente, a melhor maneira de arrancar-lhe a desejada confissão sôbre o paradeiro de suas vítimas, andou pelas adjacencias mais de duas horas, voltando á mesma sala, onde o interpelou novamente.

— Simeão — disse êle com interesse — satisfaze aos meus desejos e te concederei a liberdade.

— Por êsse preço, toda a liberdade me seria penosa. Deve preferir-se a morte a transigir com o mal — respondeu o ancião com a mesma coragem.

Sulpicio Tarquinius rilhou os dentes de fúria, ao mesmo tempo que gritava possesso:

— Miseravel! saberei arrancar-te a confissão necessaria.

Isso dizendo, encarou fixamente o enorme cruzeiro que se levantava a poucos metros da porta e, como se houvera escolhido o melhor instrumento de martirio para arrancar-lhe a revelação desejada, dirigiu-se aos soldados em voz soturna:

— Amarrêmo-lo á cruz, como o Mestre das suas feitiçarias.

Recordando-se dos grandes momentos do Calvario, o ancião deixou-se levar sem nenhuma relutância, agradecendo, intimamente, a Jesus pelo seu aviso providencial, a tempo de salvar das mãos do inimigo aquelas que considerava como filhas muito amadas.

Num ápice os soldados o amarraram na base do pescado madeiro, sem que a vítima demonstrasse um único gesto de resistencia.

Azivinhavam-se as dezesete horas e Simeão recorreu que, pouco tempo antes, sofria o Senhor com mais intensidade, pelas mesmas horas. Em prece ardente, suplicou ao Pai Celestial ânimo e resignação para o angustioso transe. Lembrou-se dos filhos ausentes, rogando a Jesus que os acolhesse no manto de sua infinita misericordia. Foi nesse ínterim que, amarrado á basse da cruz pelos braços, pelo tronco e pelas pernas, viu que se aproximavam alguns dos companheiros de suas preces habituals, para as reuniões do crepúsculo, os quais foram logo detidos pelos soldados e pelo chefe implacavel.

Inquiridos, quanto ao ancião que ali se encontrava, com o dorso semi-nú para os tormentos do açoite, todos, sem exceção de um só, alegaram não conhecê-lo.

Mais que os ataques dos impiedosos romanos, semelhante ingratidão doceu-lhe fundo no espírito generoso e sincero, como se um espinho envenenado lhe penetrasse o coração.

Todavia, recompôs imediatamente as suas energias espirituais e, contemplando o Alto, murmurou baixinho, numa prece ansiosa e ardente:

— Tambem vós, Senhor, fôstes abandonado!... Ereis o Cordeiro de Deus, inocente e puro, e sofrestes as dores mais amargas, experimentando o fél das traíções mais penosas!... Não seja pois o vosso servo, misero e pecador, que renegue os martirios purificadores do testemunho!...

A essa hora, já o recinto se encontrava repleto de pessôas que, de conformidade com as determinações de Sulpicio, deveriam permanecer nos bancos grosseiros, dispostos em semi-círculo, de modo a assistirem á cena selvagem, a titulo de escarmento para quantos viéssem a desobedecer á justiça do Império.

Antes da hora sexta, o primeiro soldado, á ordem de seu chefe, iniciou o flagicio. Todavia, da terceira vez que as suas mãos brandiam as extensas tiras de couro, na execranda tortura, sem que o ancião deixasse escapar o mais ligeiro gemido, parou, súbitamente, exclamando para Tarquinius em voz baixa e em tom discreto:

— Senhor litor, no alto do madeiro ha uma luz que paralisa os meus esforços.

Encolerizado, mandou Sulpicio que um novo elemento o substituisse, mas o mesmo se repetiu com os seis algozes chamados ao trabalho sinistro.

Foi então que, desesperado de ódio incompreensivel, tomou Sulpicio dos açoites, brandindo-os élle mesmo no corpo da vítima, que se contorcia em sofrimentos angustiosos.

Simeão, banhado de suor e sangue, sentia o estalar dos óssos envelhecidos, que se quebravam aos pedaços, cada vez que o açoite lhe lambia as carnes enfraquecidas. Seus labios murmuravam preces fervorosas, apelos a Jesus para que os tormentos não se prolongassem ao infinito. Todos os presentes, não obstante o terror que os levára á defecção para com o velho discípulo de Jesus, viam-lhe, com lágrimas, os inominaveis padecimentos.

Em dado instante, a fronte pendeu, quasi desfalecida, prenunciando o fim de toda a resistencia orgânica, em face do martirio.

Sulpicio Tarquinius parou, então, por um minuto, a sua obra nefanda e aproximando-se do ancião, falou-lhe ao ouvido, com ansiedade:

— Confessas agora?

Mas o velho samaritano, temperado nas lutas terrestres, por mais mais de setenta anos de sofrimento, exclamou, exausto, em voz sumida:

— O... cristão... deve... morrer... com Jesus... pelo... bem... e... pela... verdade...

— Morre, então, miserável!... — gritou Sulpicio, em voz estentórica e, tomando da espada, enterrou-lhe a lâmina no peito deprimido.

Viu-se o sangue jorrar em borbotões vermelhos e abundantes.

Nessa hora, cansado já do martírio, o ancião viu o áto supremo que poria termo aos seus padecimentos. Experimentou a sensação de um instrumento estranho que lhe abria o peito dolorido, sufocado por ansiedades e aflições angustiosas.

Num relance, porém, lobrigou duas mãos de neve translúcida que pareciam alisar-lhe carinhosamente os cabelos enbranquecidos.

Notou que o cenário se havia transformado, enquanto fechára ligeiramente os olhos, no momento doloroso.

O céu não era o mesmo, nem mais á sua frente via traidores e verdugos. O ambiente estava saturado de uma luz branda e misericordiosa, enquanto aos seus ouvidos chegavam os écos suaves de uma cavatina do céu, entoada, talvez, por artistas celestes e invisíveis. Ouvia canticos esparsos, exaltando as dôres de todos os desventurados, de todos os aflitos do mundo, divulgando, maravilhado, o sorriso acolhedor de entidades lúcidas e formosas.

Figurava-se-lhe reconhecer a paisagem que o recebia. Súpunha-se transportado aos deliciosos recantos de Cafarnaum, nos instantes suaves em que se preparava para receber a bengão do Messias, jurando haver apontado, por um processo misterioso, numa Galiléia de flores mais ricas e de firmamento mais belo. Havia aves

de luz, como lírios alados do paraíso, cantando nas árvores fartas e frondosas, que deviam ser as do éden celestial.

Buscou senhorear-se das suas emoções nas claridades dessa Terra Prometida, que, a seus olhos, deveria ser o país encantando do "Reino do Senhor".

Por um momento, lembrou-se do orbe terrestre, das suas últimas preocupações e das suas dôres. Uma sensação de cansaço dominou-lhe, então, o espírito abatido, mas uma voz que seus ouvidos reconheceriam entre milhares de outras vozes, falou-lhe brandamente ao coração:

— Simeão, chegado é o tempo do repouso!... Descansa agora das mágoas e das dôres, porque chegaste ao meu Reino, onde desfrutarás eternamente da misericórdia infinita do Nosso Pai!...

Pareceu-lhe, afinal, que alguém o tomara de encontro ao peito, com o máximo de cuidado e carinho.

Um bálsamo suave adormentou o seu espírito exausto e amargurado. O velho servo de Jesus fechou, então, os olhos, plácidamente, acariciado por uma entidade anjólica que pousou, de leve, as mãos translúcidas sobre o seu coração desfalecido.

Voltando, porém, ao doloroso espetáculo, vamos encontrar, junto á casa do ancião de Samária, regular massa de povo que assistia á cena tenebrosa, tránsida de terror.

Amarrado ao madeiro, o cadáver do velho Simeão golfava sangue pela enorme ferida aberta no coração. A fronte pendida para sempre, como se reclamasse o repouso da terra generosa, suas barbas veneráveis se tingiam de rubro, aos salpicos de sangue das vergastadas, porque Sulpicio, embora sabendo que o golpe de espada era o detalhe final do tenebroso drama, continuava a agitar o cadáver inerte, colado á cruz infamante do martírio.

Figurava-se que as forças desencadeadas da Treva se haviam apoderado completamente do espírito do lictor, que, tomado de uma fúria epiléptica e intraduzível, vergastava o cadáver sem piedade, numa torrente de impropérios, para impressionar a massa popular que o observava estarrecida de assombro.

— Vêde — gritava êle furiosamente — vêde como devem morrer os samaritanos velhacos e os feiticeiros assassinos!... Velho miseravel!... Leva para os infernos mais esta lembrança!...

E o agoite caía, impiedoso, sobre os despojos des- trogados da vítima, reduzidos agora a uma pasta sanguenta.

Nisso, porém, fôsse pela pouca profundidade da base da cruz, que se abalára nos movimentos reiterados e violentos do suplício, ou pela punição das fôrças poderosas do mundo invisivel, viu-se que o enorme madeiro tombava ao sólo com a vertigem de um relâmpago.

Debalde tentou o lictor eximir-se á morte horri- vel, examinando a situação por um milésimo de minuto, porque o tope da cruz abateu-lhe a cabeça de um só golpe, inutilizando-lhe o primeiro gesto de fuga. Atirado ao chão com uma rapidez espantosa, Sulpicio Tarquinius não teve tempo para soltar um gemido. Pela base do crâneo, esmigalhado, escorria a massa encefálica misturada de sangue.

Num átimo, todos acorreram ao corpo abatido do lobo, trucidado depois do sacrificio da ovelha. Um dos soldados examinou-lhe, detidamente, o peito, onde o co- ração ainda pulsava nas suas derradeiras expressões de automatismo.

A boca do verdugo estava aberta, não mais para a gritaria blasfematória, mas da garganta avermelhada descia uma espumarada de saliva e sangue, figurando a baba repelente e ignominiosa de um monstro. Seus olhos estavam desmesuradamente abertos, como se fitassem, eternamente, nos espasmos do terror, uma interminável falange de fantasmas tenebrosos...

Impressionados com o acidente imprevisto, no qual adivinhavam a influencia da misteriosa luz que haviam obrigado no tope do cruzeiro, os soldados ignoravam como providenciar naquela conjuntura, igualmente confundidos na onda de espanto e surpresa geral dos pri- meiros momentos.

Foi nesse instante que assomou á porta a figura nobre de Lívia, pálida de espanto e de penosa surpresa.

Ela e Ana, no interior da cava onde se haviam refugiado, pressentiram o perigo, permanecendo ambas em fervorosas preces, implorando a piedade de Jesus naquelas horas angustiosas.

A seus ouvidos, chegavam os rumores imprecisos das discussões e do vozerio do povo em altercações ruidosas, nos minutos do incidente, encarado por quantos o assis- tiram como um castigo do céu.

Ambas, aflitas e ansiosas, considerando o adiantado da hora, deliberaram sair, fôssem quais fôssem as con- sequencias da sua resolução.

Chegando á porta e observando o espetáculo hor- rendo do cadáver de Simeão reduzido quasi á uma pasta informe, sob a base da cruz, e vendo o corpo de Sulpicio estendido á uma distância de poucos metros, com a base do crâneo esfacelada, experimentaram, naturalmente, um pavor indefinivel.

O excesso das emoções, contudo, poucos minutos durou.

Enquanto a serva se desfazia em soluços, Lívia com a energia que lhe caracterizava o espirito e a fé que lhe clarificava o coração, comprehendeu de relance o que se havia passado e, entendendo que a situação exigia a fôrça de uma vontade poderosa para que o equilibrio geral se restabelecesse, exclamou para a serva, entregando-lhe a filha resolutamente:

— Ana, peço-te o maximo de coragem neste angus- tioso transe, mesmo porque, cumpre-nos lembrar que a bondade de Jesus nos preparou para suportar, dignamente, mais esta prova asperrima e dolorosa! Guarda Flavia contigo, enquanto vou providenciar para que a tranquilidade se restabeleça!...

A passos rápidos, avançou para a turba que se ia quietando á sua passagem.

Aquela mulher, de beleza nobre e graciosa, deixava transparecer no olhar uma chama de profunda indigna- ção e amargura. Seu aspecto severo denunciava a pre- sença de um anjo vingador, surgido entre aquelas cri- turas ignorantes e humildes, no momento oportuno.

Aproximando-se da cruz, onde jaziam os dois ca-

daveres, cercados pela confusão, implorou de Jesus a coragem e a fortaleza necessarias para dominar o nervosismo e a inquietação de todos que a rodeavam. Sentiu que uma força sobrehumana se apossára da sua alma no momento preciso. Por um minuto, pensou no espôs, nas convenções sociais, no escandalo rumoroso daqueles acontecimentos, mas o sacrificio e a morte gloria da de Simeão eram para ela o exemplo mais confortador e mais santo. Tudo ovidou para se lembrar de que Jesus pairava acima de todas as cousas transitórias da Terra, como o mais alto símbolo de verdade e de amor, para a felicidade imorredoura de toda a vida.

Um dos soldados, tomado de veneração e conhecendo perto de quem seus olhos se encontravam, acercou-se-lhe exclamando com o máximo respeito:

— Senhora, cumpre-me apresentar-vos os nossos nomes, afim-de que possais utilizar-nos, para o que julgares necessário.

— Soldados — exclamou resoluta — não precisais declinar os nomes. Agradeço a vossa dedicação espontânea, que poderia ter sido, alguns minutos antes, uma inconciencia criminosa, lamentando, apenas, que seis homens aliados á esta multidão permitissem a consumação deste áto de infamia e suprema covardia, que a justiça divina acaba de punir perante os vossos olhos!...

Todos se haviam calado, como por encanto, em ouvindo as suas enérgicas palavras.

A massa popular tem dessas versatilidades misteriosas. Basta, ás vezes, um gesto para que se despenhe nos abismos do crime e da desordem; uma palavra chicoteante para fazê-la regressar ao silencio e ao equilibrio necessarios.

Lívia comprehendeu que a situação era sua e, dirigindo-se aos prepostos de Sulpicio, falou corajosamente:

— Vamos, providenciamos o restabelecimento da calma geral, retirando esses cadaveres.

— Senhora — aventou um deles respeitosamente — sentimo-nos na obrigação de enviar um mensageiro a Cafarnaum, de modo que o senhor governador seja avisado destes tristes acontecimentos.

Todavia, com a mesma expressão de serenidade, respondeu ela firmemente:

— Soldado, eu não permito a retirada de nenhum de vós outros, enquanto não derdes estes corpos á sepultura. Se o vosso governador possue um coração de fera, sinto-me agora na obrigação de proteger a paz das almas bem formadas. Não desejo que se repita nesta casa uma nova cena de covardia e de infamia. Se a autoridade, neste país, atingiu o terreno das crueldades mais absurdas, eu prefiro assumi-la esta noite, resgatando uma dívida do coração para com os despojos dêste apóstolo venerando, assassinado com a colaboração da vossa criminosa inconciencia.

— Não desejais consultar os administradores de Sebaste, a respeito do assunto? — tornou um deles, timidamente.

— De modo algum — respondeu ela com audaciosa serenidade. — Quando o cérebro de um governo está envenenado, o coração dos governados padecem da mesma peçonha. Esperariamos em vão qualquer providencia a favor dos mais humildes e dos mais infelizes, porque a Judéia está sob a tiranía de um homem cruel e tenebroso. Ao menos hoje, quero afrontar o poder da perversidade, invocando em meu auxílio a misericordia infinita de Jesus.

Silenciaram os soldados romanos, em face da sua atitude serena e imperturbável. E, obedecendo-lhe ás ordens, colocaram os despojos inertes de Simeão sobre a mesa enorme e rústica das preces costumeiras.

Foi então que os mesmos companheiros, que haviam negado o velho mestre do Evangelho, acercaram-se piedosamente do seu cadaver, beijando-lhe as mãos mirradas com enterneçimento, arrependidos da sua covardia e fraqueza, cobrindo-lhe de flores os despójos sangrentos.

Haviam soado as dezenove horas, mas as ténues claridades do crepusculo, na formosa paisagem da Samária, ainda não haviam abandonado, de todo, o horizonte.

Uma força indefinivel parecia amparar o espirito de Lívia, alivitando-lhe todas as providencias necessarias.

Em pouco, ao esforço hercúleo de numerosos sa-

maritanos, foram retiradas pesadas pedras do grupo de rochas que protegia a cova, onde se haviam abrigado as três fugitivas, enquanto ás ordens de Lívia os seis soldados abriam uma sepultura raza, longe daquele local, para o corpo de Sulpicio.

Brilhavam, já, as primeiras constelações no firmamento, quando terminou a improvisação dos serviços dolorosos.

No instante de transportarem os despojos do ancião, que Lívia envolveu, pessoalmente, num alvo sudario de linho, ela fez questão de orar rogando ao Senhor recebesse no seu Reino de Luz e Verdade, a alma generosa do seu apóstolo valoroso.

Ajoelhou-se como uma figura angélica junto áquele banco humilde e tosco, onde, tantas vezes se sentara o servidor de Jesus, entre as suas oliveiras frondosas e bem amadas. Todos os presentes, inclusive os próprios soldados que se sentiam empolgados de misterioso temor, prostraram-se genuflexos, acompanhando-lhe a reverência, enquanto á claridade de algumas tochas sopravam perfumadas as brisas leves das noites formosas e estreladas da Samária, ha dois mil anos...

— Irmãos — começou ela, emocionada, assumindo pela primeira vez a direção de uma assembléia de cren tes — elevemos a Jesus o coração e o pensamento!...

Uma sensação mais forte parecia embargar-lhe a voz inundando os seus olhos de lágrimas doloridas...

Mas, como se fôrças invisíveis e poderosas a alentassem, continuou serenamente:

— Jesus, meigo e divino Mestre, hoje foi o dia glorioso, em que partiu para o céu um valoroso apóstolo do teu Reino!... Foi êle, aqui na Terra, Senhor, a nossa proteção, o nosso amparo e a nossa esperança!... Na sua fé, encontrámos a precisa fortaleza e foi em seu coração compassivo que conseguimos haurir o consolo necessário!... Mas julgaste oportuno que Simeão fôsse descansar no teu regaço amoroso e compassivo! Como tu, sofreu êle os tormentos da cruz, revelando a mesma confiança na Providencia Divina, nos dolorosos sacrifícios do seu amargo testemunho... Recebe-o, Senhor, no

teu Reino de Paz e de Misericordia! Simeão tornou-se bem-aventurado por suas dôres, por seu denodo moral, por suas angustiosas aflições suportadas com o valor e a fé que nos ensinaste... Ampara-o nas claridades do Paraíso do teu amor inexgotável e que nós, exilados na saudade e na amargura, aprendamos a lição luminosa do teu valoroso apóstolo da Samária!... Se algum dia nos julgares também dignos do mesmo sacrifício, fortalece-nos a energia, para que provemos ao mundo a excelencia dos teus ensinamentos, ajudando-nos a morrer com valor, pela tua paz e pela tua verdade, como o teu missionário carinhoso a quem prestamos, nesta hora, a homenagem do nosso amor e do nosso reconhecimento...

Nesse ínterim, houve na sua oração um doce estacado. Todavia, depois de uma pausa breve, continuou:

— Jesus, a ti que vieste a este mundo, mais para os desesperados da salvação, levantando os mais doentes e os mais infelizes, nós endereçamos, igualmente, nossa súplica pelo celerado que não hesitou em tripudiar das tuas leis de fraternidade e amor, martirizando um inocente, arrebatado pela morte para o julgamento da tua justiça. Queremos esquecer a sua infamia, como perdoaste aos teus algozes do alto da cruz infamante do martirio... Ajuda-nos, Senhor, para que compreendamos e pratiquemos os teus ensinos!...

levantando-se, comovida, Lívia descobriu o cadáver do apóstolo e beijou-lhe as mãos pela última vez, exclamando em lágrimas, carinhosa:

— Adeus meu mestre, meu protetor e meu amigo!... Que Jesus te receba o espírito iluminado e justo no seu Reino de luzes imortais, e que a minha pobre alma saiba aproveitar, neste mundo a tua lição de fé e valeroso heroísmo!...

Reposando numa urna improvisada, o corpo inérte de Simeão foi conduzido ao seu último jazigo. Numerosas tochas haviam sido acesas para o ofício amargo e doloroso.

E, enquanto o cadáver do litor Sulpicio descia á terra húmida, sem outro auxílio além da cooperação dos seus prepostos, o nobre ancião ia repousar á frente do

seu templo e do seu ninho, entre as virações cariciosas do vale, á sombra fresca das oliveiras que lhe eram tão queridas!...

Lívia dispensou, em seguida, os soldados do governador e, guardada por homens valorosos e dedicados, passou o resto da noite em companhia de Ana e da filhinha, em profundas meditações e dolorosas cismas.

Ao raiar da aurora, retiravam-se definitivamente do vale de Sichem, acompanhadas por um vizinho de Simeão, encaminhando-se, de volta a Cafarnaum e levando, no íntimo, numerosas lições para toda a vida.

Sabedoras de que não se fariam esperar as represálias das autoridades administrativas, regressaram por estradas diferentes, que constituiam atalhos preciosos, sem tocar em Naim para a troca de animais. Com algumas horas sucessivas, em marcha forçada, atingiam o solar tranquilo, onde iam descansar dos golpes sofridos.

Lívia remunerou largamente o seu dedicado companheiro de viagem, retirando-se para os seus aposentos, onde fixou, em base preciosa, a pequena cruz de madeira que lhe déra o apóstolo, algumas horas antes do cruelo martirio.

Alguns dias se passaram sobre os infaustos acontecimentos.

Poncio Pilatos, contudo, informado de todos os pormenores do ocorrido, rugiu de ódio selvagem. Reconhecendo que defrontava poderosos inimigos, quais Publio Lentulus e sua mulher, buscou acionar por outro lado o mecanismo de sinistras represálias. Recolhendo-se imediatamente ao seu palacio de Samária, fez com que todos os habitantes da região pagassem muito caro a morte do litor, humilhando-os, através de medidas aviltantes e vexatórias. Assassínios tenebrosos foram praticados entre os elementos da população pacífica do vale, propagando-se por Sebaste e outros nucleos mais adiantados, a rême de crimes e crueldades da sua mentalidade vingativa e tenebrosa.

Estacionemos, todavia, em Cafarnaum e aguardemos aí a chegada de um homem.

Ao cabo de alguns dias, com efeito, regressava o senador de sua viagem através da Palestina. Após o seu regresso, Lívia cientificou-o de quanto ocorrera na sua ausencia. Publio Lentulus ouvia-lhe o relato, silenciosamente. A medida que se lhe tornavam conhecidas as ocorrências, sentia-se intimamente tomado de indignação e de revolta contra o administrador da Judéia, não só pela sua incorreção política, mas também pela extrema antipatia pessoal que a sua figura lhe inspirava, resolvendo, em face do acontecido, não vacilar um segundo em processá-lo acerbamente, como julgava dever perseguir ao mais cruel dos inimigos.

O leitor poderá, talvez, supôr que o orgulhoso romano teria o coração sensibilizado e modificado os sentimentos a respeito da espôsa, de quem presumia possuir as mais flagrantes provas de deslealdade e perjúrio, no santuário do lar e da família. Mas, Publio Lentulus era humano e, nessa condição precária e miserável, tinha de ser um fruto do seu tempo, da sua educação e do seu meio.

Em ouvindo as últimas palavras de sua mulher, pronunciadas em tom comovido, como o de alguém que pede apoio e reclama o direito de um carinho, replicou austeramente:

— Lívia, eu me regosijo com a tua atitude e rogo aos deuses pela tua edificação. Teus atos simbolizam para mim a realidade da tua regeneração, depois da fragorosa queda vista com os meus olhos. Bem sabes que para mim a espôsa não mais deve existir; contudo, louvo a mãe de meus filhos, sentindo-me confortado porque, se não acordaste a tempo de seres feliz, despertaste ainda com a possibilidade de viver... A tua repulsa tardia por êsse homem cruel me autoriza a crer na tua maternal dedicação e isso basta!...

Essas palavras, pronunciadas em tom de superioridade e secura, demonstraram á Lívia que a separação afetiva de ambos deveria continuar no ambiente doméstico, irremissivelmente.

Abalada nas comoções do seu martirio moral, retirou-se para o quarto, onde se prostrou diante da cruz

de Simeão, com a alma desalentada e combalida. Ali, meditou angustiosamente na sua penosa situação mas, em dado instante, viu que a lembrança humilde do apóstolo da Samaria irradiaava uma luz cariossa e resplandecente, ao mesmo tempo que uma voz suave e branda murmurava aos seus ouvidos:

— Filha, não esperes da Terra a felicidade que o mundo não te pode dar! Ái, todas as venturas são como neblinas fugidias, desfeitas ao sopro das paixões ou des trocadas ao sopro devastador das mais sinistras desilusões!... Espera, porém, o Reino da misericordia divina, porque nas moradas do Senhor ha bastante luz para que floresçam as mais santificadas esperanças do teu coração maternal!... Não aguardes, pois, da Terra, mais que a corôa de espinhos do sacrifício...

A espôsa do senador não se surpreendeu com o fenômeno. Conhecendo de oitiva a ressurreição do Senhor, tinha a convicção plena de que se tratava da alma redimida de Simeão, que a seu ver voltava das luzes do Reino de Deus para lhe confortar o coração.

Por semanas a-fio, recbeu Públio Lentulus a visita de samaritanos numerosos, que lhe vinham solicitar energicas providencias contra os desmandos de Ponce Pilatos, então instalado no seu palacio de Samaria, onde permanecia raramente, ordenando o assassinio ou a escravidão de elementos numerosos, em sinal de vingança pela morte daquele que considerava como o melhor áulico da sua casa.

Daí a algum tempo, regressava Comenio de sua viagem á Roma, com um professor competente para a pequena Flavia. Além dêsse preceptor notavel, que lhe mandava a carinhosa solicitude de Flaminio Severus, chegavam-lhe tambem novas notícias, que o senador considerava confortadoras. Em virtude da sua solicitação, as altas autoridades do Império determinaram a volta do pretor Salyo Lentulus com a familia para a séde do governo imperial, pedindo-lhe o amigo, particularmente, a remessa de dados positivos quanto á administração de Pilatos na Judéia, afim-de que o Senado pleiteasse a sua remoção da Asia Menor.

Em virtude dessas circunstâncias, daí a algum tempo voltava Comenio á Roma, conduzindo a Flaminio um volumoso processo relacionando todas as crueldades praticadas por Pilatos, entre os samaritanos. Em vista das distâncias, por muito tempo rolou o processo nos gabinetes administrativos, até que no ano de 35 foi o Procurador da Judéia chamado á Roma, onde foi destituído de todas as funções que exercia no governo imperial, sendo banido para Viena, nas Galias, onde se suicidou daí a três anos, ralado de remorsos, de privações e de amarguras.

Públio Lentulus permaneceu com as suas esperanças de pai na mesma vivenda da Galiléia, dedicando-se quasi que exclusivamente aos seus estudos, aos seus processos administrativos e á educação da filha, que manifestára, muito cedo, os seus pendôres literarios ao lado de apreciaveis dotes de inteligencia.

Lívia conservou Ana junto de sua tutela e ambas continuaram crando junto á cruz que lhes déra Simeão no instante extremo, rogando a Jesus a necessaria fôrça para as penosas lutas da vida.

Debalde a familia Lentulus esperava que o destino lhe trouxesse, de novo, o sorriso encantador do pequenino Marcus e, enquanto o senador e filhinha se preparavam para o mundo, junto de Lívia e Ana, que traziam as suas esperanças postas no céu, deixemos passar mais de dez anos sobre a dolorosa serenidade da vila de Cafarnaum, mais de dez anos que passaram lentos, silenciosos, tristes.

FIM DA PRIMEIRA PARTE